



INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA
(ILAACH)

LETRAS – ESPANHOL E PORTUGUÊS
COMO LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

RECUERDOS DE UN PASADO FICTICIO:

DISTORSIÓN DE LA MEMORIA HISTÓRICA DE UNA NACIÓN Y LA NOVELA
NÚÑEZ DE BALBOA. EL TESORO DEL DABAIBE (1940), DE OCTAVIO MÉNDEZ
PEREIRA

JENNY KARINA QUINTANA VILLARRUÉ

Foz do Iguaçu
2022



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA
(ILAACH)**

**LETRAS – ESPANHOL E PORTUGUÊS
COMO LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

RECUERDOS DE UN PASADO FICTICIO:

**DISTORSIÓN DE LA MEMORIA HISTÓRICA DE UNA NACIÓN Y LA NOVELA
NÚÑEZ DE BALBOA. *EL TESORO DEL DABAIBE* (1940), DE OCTAVIO MÉNDEZ
PEREIRA**

JENNY KARINA QUINTANA VILLARRUÉ

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Latino-Americano
de Arte, Cultura e História da Universidade
Federal da Integração Latino-Americana,
como requisito parcial à obtenção do título
de Licenciada em Letras - Espanhol e
Português como Línguas Estrangeiras.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Lopes
de Almeida

Foz do Iguaçu
2022

JENNY KARINA QUINTANA VILLARRUÉ

RECUERDOS DE UN PASADO FICTICIO:

DISTORSIÓN DE LA MEMORIA HISTÓRICA DE UNA NACIÓN Y LA NOVELA
NÚÑEZ DE BALBOA. EL TESORO DEL DABAIBE (1940), DE OCTAVIO MÉNDEZ
PEREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Latino-Americano
de Arte, Cultura e História da Universidade
Federal da Integração Latino-Americana,
como requisito parcial à obtenção do título
de Licenciada em Letras - Espanhol e
Português como Línguas Estrangeiras.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Lopes de Almeida
UNILA

Profa. Dra. Júlia Batista Alves
UNILA

Profa. Dra. Rita de Cássia Paiva
UFPA

Foz do Iguaçu, 05 de agosto de 2022.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): Jenny Karina Quintana Villarrué

Curso: Letras - Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras

		Tipo de Documento
<input checked="" type="checkbox"/> graduação	<input type="checkbox"/> (.....) artigo	
<input type="checkbox"/> (.....) especialização	<input checked="" type="checkbox"/> (X) trabalho de conclusão de curso	
<input type="checkbox"/> (.....) mestrado	<input type="checkbox"/> (.....) monografia	
<input type="checkbox"/> (.....) doutorado	<input type="checkbox"/> (.....) dissertação	
	<input type="checkbox"/> (.....) tese	
	<input type="checkbox"/> (.....) CD/DVD – obras audiovisuais	
	<input type="checkbox"/> (.....) _____	

Título do trabalho acadêmico: **RECUERDOS DE UN PASADO FICTICIO: DISTORSIÓN DE LA MEMORIA HISTÓRICA DE UNA NACIÓN Y LA NOVELA NUÑEZ DE BALBOA. EL TESORO DEL DABAIBE** (1940), DE OCTAVIO MÉNDEZ PEREIRA

Nome do orientador(a): Prof. Dr. Carlos Henrique Lopes de Almeida

Data da Defesa: 05/08/2022

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, 01 de setembro de 2022.

Assinatura do Responsável

Dedico este trabajo a mi madre, por
su apoyo incondicional.

AGRADECIMIENTOS

Primeramente, quiero agradecer al profesor orientador, Dr. Carlos Lopes de Almeida y a las profesoras examinadoras, por ser parte de este trabajo.

A la Licda Nadiuzka Ramos Troetsch, de la Embajada de Panamá en Brasil; sin su apoyo nada de esto hubiera sido posible.

*“El mentiroso utiliza las designaciones
válidas, las palabras, para hacer aparecer lo
irreal como real.”*

Friedrich Nietzsche

QUINTANA VILLARRUÉ, Jenny Karina. **Memórias de um passado fictício: distorção da memória histórica de uma nação e o romance *Núñez de Balboa. El tesoro del Dabaibe* (1940), de Octavio Méndez Pereira.** 2022. 53p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras: Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras). Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

RESUMO

Considerando que grande parte da sociedade panamenha confunde as origens históricas coloniais com as narrativas fictícias dos autores panamenhos (PORRAS, 2018), o objetivo principal deste estudo é demonstrar a distorção da memória histórica panamenha, a partir da análise do romance ficcional de Octavio Méndez Pereira: *Núñez de Balboa. El tesoro del Dabaibe* (1940). Ao mesmo tempo, propõe-se discutir como o romance histórico pode ser utilizado como arma de poder político e social para moldar a memória de uma nação. Este trabalho baseia-se nos estudos de Elizabeth Loftus (2000) sobre as falsas memórias e a memória coletiva de Maurice Halbwachs (2004), utilizando correntes filosóficas como o niilismo, o idealismo e o realismo como ferramenta ou método de análise; e, por sua vez, tomando a história como referência. A pesquisa está estruturada em quatro partes, onde o discurso do autor é analisado a partir do contexto político e histórico panamenho da época; contrastam-se os conceitos de memória histórica, memória coletiva e falsas memórias. O fenômeno da distorção é demonstrado como a implantação de uma falsa memória e sua fossilização na memória histórica panamenha.

Palavras-chave: Memória histórica. Romance histórico. Núñez de Balboa. Octavio Méndez Pereira.

QUINTANA VILLARRUÉ, Jenny Karina. **Recuerdos de un pasado ficticio: distorsión de la memoria histórica de una nación y la novela *Núñez de Balboa. El tesoro del Dabaibe* (1940), de Octavio Méndez Pereira.** 53p. Trabajo de Conclusión de Curso (Graduación en Letras: Español y Portugués como Lenguas Extranjeras). Universidad Federal de Integración Latino-Americana, Foz do Iguacu, 2022.

RESUMEN

Tomando en consideración que la mayor parte de la sociedad panameña confunde los orígenes históricos coloniales con las narrativas ficticias de los autores panameños (PORRAS, 2018), este estudio tiene como objetivo principal demostrar la distorsión de la memoria histórica panameña, a partir del análisis de la novela ficticia de Octavio Méndez Pereira: *Núñez de Balboa. El tesoro del Dabaibe* (1940). A su vez, se propone argumentar cómo la novela histórica puede ser utilizada como arma de poder político y social para moldear la memoria de una nación. Este trabajo se fundamenta en los estudios de Elizabeth Loftus (2000) sobre los falsos recuerdos y la memoria colectiva de Maurice Halbwachs (2004), utilizando como herramienta o método de análisis corrientes filosóficas como el nihilismo, idealismo y realismo; y a su vez, tomando la historia como marco de referencia. La investigación está estructurada en cuatro partes o secciones, donde se analiza desde el contexto político e histórico panameño de la época, el discurso del autor; se contrastan los conceptos de memoria histórica, memoria colectiva y falsos recuerdos. Se demuestra el fenómeno de la distorsión como una implantación de un falso recuerdo y su fosilización en la memoria histórica panameña.

Palabras Clave: Memoria histórica. Novela histórica. Núñez de Balboa. Octavio Méndez Pereira.

QUINTANA VILLARRUÉ, Jenny Karina. **Memories of a fictitious past: distortion of the historical memory of a nation and the novel *Núñez de Balboa. El tesoro del Dabaibe* (1940) by Octavio Méndez Pereira.** 2022. 53p. Final Term Paper (Bachelor's degree in Spanish and Portuguese as Foreign Languages). Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

ABSTRACT

Taking into consideration that most of the Panamanians confuse the colonial historical origins with the fictitious narratives of the Panamanian authors (PORRAS, 2018), the main objective of this study is to demonstrate the distortion of the Panamanian historical memory, based on the analysis of the fictional novel by Octavio Méndez Pereira: *Núñez de Balboa. El tesoro del Dabaibe* (1940). At the same time, it is proposed to argue how the historical novel can be used as a weapon of political and social power to shape the memory of the nation. This work is based on the studies by Elizabeth Loftus (2000) about false memories and the collective memory by Maurice Halbwachs (2004). Philosophical currents such as nihilism, idealism and realism are used in this study as a method of analysis, and the history is also taken as a frame of reference. The research is structured in four parts, where the author's speech is analyzed from the Panamanian political and historical context of the time. The concepts of historical memory, collective memory and false memories are contrasted. The phenomenon of distortion is demonstrated as an implantation of a false memory and its fossilization in the Panamanian historical memory.

Keywords: Historical memory. Historical novel. Núñez de Balboa. Octavio Méndez Pereira.

LISTA DE ILUSTRACIONES

CUADROS

Cuadro 1 – Novela histórica vs. novela de Méndez Pereira	35
---	----

DIAGRAMAS

Diagrama 1 – Memoria individual y memoria colectiva.....	39
---	----

Diagrama 2 – Falso recuerdo implantado en la memoria histórica panameña.....	44
---	----

ESQUEMAS

Esquema 1 – Proceso de implantación del falso recuerdo en la memoria histórica panameña	41
--	----

Esquema 2 – Balboa ficticio fosilizado en el pensamiento y realidad panameña.....	47
--	----

SUMARIO

INTRODUCCIÓN	13
1 LA NARRATIVA DE PODER Y LA IDENTIDAD NACIONAL	
PANAMEÑA	14
1.1 CONTEXTO HISTÓRICO.....	16
1.2 EL PODER Y LA CREACIÓN DE LA IDENTIDAD NACIONAL.....	18
2 LA CREACIÓN DEL ARTIFICIO	23
3 MEMORIA HISTÓRICA	30
3.1 HISTORIA VS MEMORIA.....	30
3.2 MEMORIA HISTÓRICA COMO ARMA DE PODER	32
3.2.1 La novela histórica como detonante de la memoria histórica	33
4 FOSILIZACIÓN DEL RECUERDO FICTICIO	38
4.1 LA IMPLANTACIÓN	40
4.1.1 Lo real vs. lo falso	42
4.2 LA FOSILIZACIÓN	44
CONSIDERACIONES FINALES	49
REFERENCIAS	50

INTRODUCCIÓN

Este estudio tiene como objetivo principal demostrar la distorsión de la memoria histórica panameña, a partir del análisis de la novela ficticia de Octavio Méndez Pereira: *Núñez de Balboa. El tesoro del Dabaibe* (1940). Tomando en consideración que la mayor parte de la sociedad panameña confunde los orígenes históricos coloniales con las narrativas ficticias de los autores nacionales (PORRAS, 2018). A su vez, este estudio propone argumentar cómo la novela histórica puede ser utilizada como arma de poder político y social para moldear la memoria de una nación.

Este trabajo se fundamenta en los estudios de Elizabeth Loftus (2000) sobre los falsos recuerdos y la memoria colectiva de Maurice Halbwachs (2004), utilizando como herramienta o método de análisis corrientes filosóficas como el nihilismo, idealismo y realismo; y a su vez, se toma la historia como marco de referencia.

La investigación está estructurada en cuatro partes o secciones. La primera, llamada “La narrativa de poder y la identidad nacional panameña”, abarca el contexto político e histórico panameño de la época de manera introductoria, demostrando la construcción de la nacionalidad panameña en base a la literatura ficticia. La segunda, denominada “La creación del artificio”, resume, analiza la obra y el discurso del autor de manera minuciosa. En la tercera, “Memoria histórica”, se argumenta sobre la memoria histórica como arma de poder y la novela histórica como detonante, a través del análisis del marco histórico y el concepto de la memoria colectiva. En la última y cuarta parte, “Fosilización del recuerdo ficticio”, se contrastan los estudios de los falsos recuerdos y la memoria colectiva. Se analizan los conceptos de verdadero o falso en la obra del autor, y su estrecha línea entre la ficción y la realidad. Se estudia el fenómeno de la distorsión como una implantación de un falso recuerdo y su fosilización en la memoria histórica panameña.

1 LA NARRATIVA DE PODER Y LA IDENTIDAD NACIONAL PANAMEÑA

Independientemente del análisis que se realiza en este estudio, cabe señalar que desde el primer momento, Méndez Pereira no publicó su obra como novela ficticia, sino que la hizo pasar como biografía oficial sobre la vida de Balboa. La misma fue publicada como un “estudio biográfico”, lo cual consta en la reseña de la editorial Espasa-Calpe, edición de 1940 —utilizada en este trabajo—. La reseña de contraportada define la obra como: “Notable estudio biográfico sobre la recia figura del famoso conquistador español”. Obsérvese que no solo la narrativa intenta pasar la obra por real, sino que es publicada como género biográfico. Esto deja en evidencia la intención de hacer pasar una obra ficticia por real. Y cuando el autor inicia argumentando su “veracidad”, no se trata de una simple metaficción de una novela histórica, se trata de un artificio de poder político y social entre los intelectuales panameños; y que si bien, la obra es considerada como novela histórica, de la cual el autor tomó matices y elementos como recurso, por lo tanto, no se encuadra en ninguna categoría específica como novela histórica, tema del que se tratará más adelante en este trabajo.

Méndez Pereira inicia la novela con una nota dirigida al lector que expresa lo siguiente: “No hay en esta relación nada que no sea estrictamente histórico. Y no podía ser de otra manera. La experiencia me ha enseñado que la verdad sola, lo maravilloso real, es más maravilloso que las maravillas imaginarias” (MÉNDEZ PEREIRA, 1940). Claramente, el autor hace alusión a un realismo metafísico, confundiendo lo real con lo irreal, dejando leer entre líneas el propósito de la obra. Primero afirma la veracidad de los hechos históricos colocando su novela como una “relación”. Según Mignolo (1982 apud GARCÍA RODRÍGUEZ, 2001, p. 463), la relación era un informe de hechos oficiales solicitados por la Corona española en tiempos coloniales. Esto pone de manifiesto las intenciones del autor por hacer pasar su novela ficticia como real desde el primer momento. Luego de esto, el autor continúa afirmando que la verdad es lo maravilloso real. Un juego de palabras que intenta desde el principio confundir al lector. Otro elemento que es notable al inicio de la novela es su supuesta carta con Vicente Blasco Ibáñez, dando a entender el artificio literario que se estaría preparando como arma política y social: «Lo único que pido es que usted me acompañe en mis excursiones para preparar nuestra novela de “evocación” panameña» (MÉNDEZ PEREIRA, 1940, p. 9).

Curiosamente, Ibáñez resalta entre comillas la palabra evocación —nuevamente dejando leer entre líneas.

Con respecto al surrealismo de la obra, el catedrático panameño Arístides Martínez Ortega mencionaba que: “Núñez de Balboa fue el primer intento de realismo mágico y lo real maravilloso, aún antes que lo hiciera Alejo Carpentier” (LA ESTRELLA DE PANAMÁ, 2013, n.p). También el exrector de la Universidad de Panamá, Gustavo García de Paredes afirmaba que: “Méndez Pereira con El Tesoro del Dabaibe convirtió el mito en realidad y la realidad en mito” (LA ESTRELLA DE PANAMÁ, 2013, n.p).

Son muchos los estudiosos panameños que mantienen el discurso de que Méndez Pereira hizo de la ficción una realidad. Pero las intenciones no simplemente se quedaron en el realismo mágico surrealista, sino que intentaba componer las bases de una identidad nacional.

La historia es traicionada con el propósito, de suma importancia para Pereira, de consolidar sentimiento de nación, cimentar la cohesión del tejido social y dotar a la ciudadanía de una narración del pasado que fortalezca y dé esperanzas a la hora de afrontar el presente turbulento (IBÁÑEZ CASTEJÓN, 2019, p.9).

Con el “presente turbulento” Castejón se refiere a la presencia norteamericana en el istmo con la construcción del canal interoceánico, lo que la élite panameña percibía como una amenaza para la soberanía e identidad hispana, por lo tanto, urgía fomentar las bases de lo nacional creando personajes que ocuparan la figura de “padres fundadores”: Balboa-Anayansi. Utilizando la literatura como un arma de dominación social contra lo extranjero, del cual ya el autor dejaba ver en obras anteriores un discurso de aversión hacia lo foráneo: “[...] en su artículo de 1940 “Panamá, país y nación de tránsito”, [...] propone cerrar el país a lo extranjero, pues de su mano han llegado siempre los males para Panamá, en forma de colonialismo y neocolonialismo (MÉNDEZ PEREIRA, 1987 apud IBAÑEZ CASTEJÓN, 2019, p. 7).

Sin embargo, Méndez Pereira contradice su discurso de la cita anterior en contraste con la narrativa de su obra, donde continúa cocreando una realidad colonial. Intenta refutar el neocolonialismo norteamericano con el colonialismo hispano:

¿Quiénes son aquellos hombres nerviosos con bigote y chivera que ahora cavan la tierra de Castilla del Oro, desde el Atlántico hasta el Pacífico, para abrirles una brecha a las naves? ¿Y esos otros, fornidos y rubios, rapados y simples como niños gigantes que han traído

maquinarias y palas monstruosas y compuertas enormes, que se abren y se cierran matemáticamente? (MÉNDEZ PEREIRA, 1940, p. 161).

En la citación señalada, el autor describe el futuro del istmo desde una terrible pesadilla, y al mismo tiempo premonición que tiene Balboa sobre el futuro de la nación, simbólicamente antes de su decapitación, haciendo alusión al fin de lo nacional con la muerte del colonizador y la construcción del canal por parte de los norteamericanos.

1.1 CONTEXTO HISTÓRICO

Panamá se constituyó como nación independiente el 3 de noviembre de 1903 con la separación de Colombia; sin embargo, el gobierno estadounidense mantenía en el istmo las construcciones del canal desde 1903 debido al tratado Hay-Bunau Varilla, celebrado el 18 de noviembre del mismo año; dicho convenio acordaba que después del término de la construcción del canal el gobierno norteamericano continuaría el mantenimiento y supervisión del mismo, dándole derecho a apropiarse de las tierras canaleras y las islas donde implantarían sus bases militares, es decir que, el país estaba dividido en dos naciones, donde la parte norteamericana restringía el acceso al nacional panameño si no tenía permiso de entrada. Esto trajo como consecuencia la insatisfacción de la población panameña al verse reprimida por el imperialismo norteamericano, desatando conflictos dentro del país. Y no fue hasta 1977 con el tratado Torrijos-Carter que se acordó pasar el canal a manos panameñas y la retirada de las bases militares norteamericanas para el año 1999, lo que deja en evidencia casi un siglo de la presencia norteamericana en el país.

Toda esta inconformidad que se vivía en el istmo se puede ver reflejada en el discurso del general Omar Torrijos Herrera:

¿Qué pueblo del mundo soporta la humillación de ver una bandera extranjera enclavada en su propio corazón? Y al decirlo, yo quiero que ellos lo miren; al decirlo, yo sé, pueblo panameño, que estamos llegando a nuestro límite de paciencia. [...] Que demuestren ahora si es verdad que ellos son los líderes de la libertad del mundo, y quiten ese enclave colonial que existe aquí, en vez de correr a encuartelarse, porque cada vez que el pueblo panameño se reúne, ellos se acuartelan con la misma actitud de culpabilidad con que se esconden los hombres

que están robando cuando se reúne la policía. Con esa misma actitud de culpabilidad (TORRIJOS HERRERA, 2018, p.140).

La anterior citación muestra la insatisfacción y humillación que vivía el pueblo panameño ante la presencia norteamericana en el país, haciendo comparación con la opresión y esclavitud de la época colonial. Aquella situación provocó protestas y el derramamiento de sangre en busca de la soberanía:

Porque en la “4 de Julio”¹ nosotros ponemos los muertos, mientras ellos pondrían las balas [...] Porque, cuando un pueblo comienza un proceso de descolonización, pueden pasar dos cosas: o nos colonizan del todo, o tienen que llevarse su tola colonialista. ¡Y se la van a llevar, señores! ¡Se la van a llevar! (TORRIJOS HERRERA, 201,8, p.141).

Luego de acontecimientos violentos, el gobierno panameño y el gobierno estadounidense deciden reunirse en 1977 para realizar un tratado donde se le devolvería la soberanía a la nación:

Ellos han manifestado que van a descolonizar esto, que nos van a entregar nuestra bandera, que la policía será nuestra, que los correos serán nuestros y que el panameño, señores, podrá salir de su casa y en el trayecto de su casa al trabajo, sin tener que pasar por la ignominia, por la vergüenza de atravesar un trayecto de la carretera que está bajo jurisdicción de los Estados Unidos. Eso se va a acabar, señores (TORRIJOS HERRERA, 2018, p.141).

Las citaciones anteriores muestran claramente la tensión que se vivía en el país desde 1903, y la necesidad de consolidar una nación soberana, ya que después de la separación de Colombia no se había podido construir debido a la presencia norteamericana injiriendo en el istmo; por lo tanto, en la consciencia social panameña había un anhelo por la identidad nacional, la cual la élite intentaría darle forma desde diferentes campos, como es el caso de la literatura de Méndez Pereira, haciendo uso de su poder político y social para crear un origen ficticio y consolidar las bases de lo nacional. Pero, no solo Méndez Pereira sería el autor de la nueva identidad panameña, sino que también el grupo de letrados de la élite criolla estarían implicados, según señala García Rodríguez:

[...] no es, como se cree, una invención de Méndez Pereira sino el producto de conversaciones y tertulias de intelectuales en un café a principios de los años veinte. Dicho grupo de letrados, movidos por un

¹ Avenida 4 de Julio, conocida actualmente como la avenida de los Mártires, en memoria a los sucesos del 9 de enero de 1964.

interés colectivo por proveer a Balboa de una pareja, le dan vida y nombre a la desconocida; tal vez con el afán de crear así el romance nacional apropiado (GARCÍA RODRÍGUEZ, 2001, p.467).

La élite intelectual llevaría a cabo el artificio, creando un romance entre Balboa y el personaje ficticio de Anayansi, de esta forma, idealizando a un Balboa amigable, enamorado y defensor de los derechos indígenas. Luego de recrear la historia, Méndez Pereira hace uso de su poder político, ya que la novela era leída de forma obligatoria en todas las escuelas como parte del acervo literario panameño (PORRAS, 2018).

Y como bien señala García Rodríguez, era la intención del autor y de la élite intelectual panameña “educar”, o mejor dicho, adoctrinar a la población: “Méndez Pereira [...] en algunos de sus escritos políticos había expresado ya la necesidad de educar y crear en el pueblo una consciencia nacional” (GARCÍA RODRÍGUEZ, 2001, p. 469).

1.2 EL PODER Y LA CREACIÓN DE LA IDENTIDAD NACIONAL

Cabe señalar que Octavio Méndez Pereira fue el fundador y primer rector de la Universidad de Panamá, por lo que hablar de su figura es sinónimo de la educación panameña:

En efecto, su acción creadora fue pronto evidente, llevó escuelas hasta las más apartadas regiones del país; fundó bibliotecas en diversos lugares; fortaleció la Asociación de Maestros de la República; estableció el fondo de recompensa para el maestro; elaboró una democrática y ejemplar Ley Orgánica de educación; estableció el Día del Maestro dotó a todas las escuelas primarias de libros de texto nítidamente impresos y empastados para casi todas las asignaturas de los diferentes grados. Estos libros eran suministrados gratuitamente por el Estado a todos los alumnos (QUINTERO, 1970, p. xiii).

Catedráticos y políticos panameños lo consideran una eminencia, y su pensamiento y doctrina es todo un dogma:

Cuando la patria vagaba por las calles sin maestro, Méndez Pereira la tomó de la mano y la inició en la búsqueda de su propio futuro. Su palabra fue como el agua lustral que abría horizontes de esperanzas. Las nuevas generaciones istmeñas encontraron en él al humanista preclaro que educaba con la acción moral de la prédica pura y con el estímulo del ejemplo edificante. El numen optimista de su filosofía panameñísima nutrió la infancia de la nacionalidad (ILLUECA, 1976 apud VILLARREAL 2015, n.p).

Nótese que la doctrina de Méndez Pereira es la nacionalidad, por lo tanto se valdría de la literatura como instrumento para reforzar la identidad nacional y manifestarse en contra del imperialismo norteamericano, cosa que vino siendo bien apoyada por la élite intelectual panameña; y que si bien, Méndez Pereira no obtuvo formación en Historia, hacía la función de historiador, recopilando datos y escribiendo biografías de los próceres de la patria, todo esto para reforzar la identidad nacional de la joven nación:

Su dedicación a la historia fue producto de su paciencia y vocación de educador; supo escudriñar el mensaje de otros hombres y otras épocas y, como figura de su tiempo, completamente distante de la hora presente agobiada por el especialismo, abrió trocha como historiador y dejó libros ejemplares que se convirtieron en compañeros aprovechables e instructivos de muchas generaciones estudiosas de Panamá (GASTEAZORO, 1970, p. xv).

Obsérvese que el objetivo principal de Méndez Pereira era reconstruir la historia nacional para cimentar la identidad; no obstante, esta identidad nacional paradójicamente estaría impregnada por tintas del colonialismo español, con muy poco de individualidad o propiedad, lo que vendría siendo una “identidad colonial europeizada”.

Ya en escritos anteriores, hace evocaciones sobre las raíces hispanas y sus viajes a España, donde hace mención del país europeo como la “Tierra Sagrada”:

Hice mi entrada en España por Castilla la Vieja, como quien dice por la Tierra Sagrada de la Madre Patria. Las altas montañas que cantó Pereda estaban cubiertas de nieve, y era una sola sábana blanca la llanura clásica por donde brillaron para gloria de la Península, al paso de su Babieca; la colada y la tizona del Cid Campeador (MENDEZ PEREIRA 1927, apud REAL DE GONZALEZ 1959, p. 7).

Y con relación a este pasaje, una de sus discípulas comenta:

Homenaje cálido e ingenuo, nada original, pero profundamente lírico del americano hispánico que se siente conmovido en sus íntimos resortes atávicos por el ingreso a la patria original. [...] Le deslumbra un pasado que comprende y siente suyo por la raza y por la fe. Y ésta es la constante en la temática de su ramo de crónicas de España. Un encontrarse en lo suyo, un gusto de comprobar en el ambiente adecuado vagas angustia de juventud, un afán no escrito por identificar abuelos de capa y espada, de pluma e ingenio (REAL DE GONZALEZ, 1959, p.7).

Nótese que la élite criolla “mendecista” mantiene como parte de su doctrina e ideología el colonialismo español, cosa que luego intentarían inculcar en la población, tergiversando los hechos históricos a través de la ficción.

Como bien se ha explicado anteriormente, Méndez Pereira hacía función de historiador escribiendo monografías y biografías de los próceres; y es allí de donde se vale para mezclar la ficción con la realidad. En su novela no solo reconstruiría la vida del “prócer”, sino que la inventaría, valiéndose de su saber como forma de poder para implantar un nacionalismo ficticio; lo que en términos de Foucault y Nietzsche, no es más que una forma de dominación sobre las masas al imponer un pensamiento ideológico, como bien señala Ávila Fuenmayor en la cita a continuación:

[...] un día a alguien se le ocurrió utilizar un número determinado de propiedades rítmicas o musicales del lenguaje hablado, para imponer sus palabras y argumentos sobre los demás, es decir, para someter a los demás mediante una determinada relación de poder. Esto es, para Nietzsche, la poesía también fue inventada para imponerse a los demás hombres (ÁVILA FUENMAYOR, 2006, p.228).

Cabe resaltar la estrecha vinculación entre el poder y el saber para adoctrinar masas e implementar una ideología. Según Ávila Fuenmayor (2006), explicando a Foucault, expresa que la represión y la ideología no son más que estrategias del mismo poder: “Ante el axioma según el cual, el poder actúa por medio de mecanismos de represión e ideología, manifiesta que ambas no son más que estrategias extremas del poder que en modo alguno se contenta con excluir o impedir, o hacer creer y ocultar” (ÁVILA FUENMAYOR, 2006, p.225). Basándonos en esta premisa señalada por Ávila Fuenmayor, se podría argumentar que Méndez Pereira ejerció su poder manipulando los datos históricos, y por ende, se estaría haciendo coerción sobre la memoria histórica nacional. No obstante, la élite intelectual “mendecista” alegaba que la inventiva del autor fue un acto de patriotismo contra el imperialismo norteamericano, por lo tanto era justo; es decir, que el fin justificaría los medios.

Obsérvese en la siguiente citación, cómo se intenta justificar la manipulación de los orígenes y personajes históricos:

[...] se nos presenta un personaje que no existe pero que existe porque su presencia no es real sino ideal, cual es la búsqueda de una profunda transformación nacional. [...] En medio de las naturales expectativas como entidad internacional joven, frente a los peligros de orden foráneo y por encima de autocríticas, tanto Alfaro como Méndez Pereira supieron modernizar el mensaje de sus biografiados para darle contemporaneidad al pasado (GASTEAZORO, 1970, p. xix).

Nótese que Gasteazoro utiliza la palabra “modernizar” en vez de modificar; es decir, que acepta la manipulación de los datos (modernizar), para darle “contemporaneidad” al pasado; o sea, aceptando el recurso de implantar una falsa nacionalidad, frente a los “peligros” de orden foráneo, haciendo alusión a la presencia extranjera en el país.

Otro ejemplo de cómo la elite intelectual justifica la manipulación histórica como “causa justa”, es el discurso de la doctora Matilde Real de González, otra “mendecista”:

Méndez Pereira es figura clave en la dirección del pensamiento panameño. Al crecer con la joven República. Panameñidad y concepción del Istmo son temas fundamentales, que informan en gran parte la estructura histórica de la ideología istmeña. [...] Su pluma, valerosa y limpia, estuvo al servicio de las causas más justas de su patria. No se contentó con escribir novelas, sino que intervino en el campo educativo, cultural, patriótico y político, para enaltecer el pensamiento de los panameños (REAL DE GONZALEZ, 1959, p. 4).

Obsérvese como Real de González hace alusión a la “lucha”:

Es muy de notar esta trascendencia beligerante de la literatura mendeciana. No se trata sólo de estilo impecable y de enjundioso contenido. Se trata de otra dimensión más trascendente y profunda: la del mensaje, la de la clarinada precursora de la lucha. Una lucha de siempre, que fue la tónica de la actividad de Méndez Pereira (REAL DE GONZALEZ, 1959, p. 5).

Ya en la siguiente citación, Gasteazoro coloca la historia como instrumento no de re-creación, sino de “creación”, justificando la inventiva no solo de Méndez Pereira, sino de los demás intelectuales panameños que realizaron la misma función del autor, crear la identidad panameña a través de un pasado ficticio:

Fue por esto por lo que a la historia no la concibieron como un cúmulo de fechas, datos y minucias, sino como un instrumento creador que con su legado de enseñanzas nos permitiera comprender y tener esperanzas porque sólo con los trabajos del espíritu se pueden superar las adversidades que salen al paso en la aventura vital del hombre panameño (GASTEAZORO, 1970, p. xx).

Cabe señalar que Panamá en aquel entonces era apenas una nación incipiente, con una historia llena de lagunas y una Universidad recién fundada, comandada por Méndez Pereira y la élite intelectual, de donde saldrían las futuras “investigaciones” sobre los orígenes de Panamá; que si bien, no existían datos, entonces

se crearían, como bien demuestra la cita a continuación sobre la escasez de los datos históricos: “Haciendo un aparte de las dos novelas históricas del doctor Octavio Méndez Pereira, no tenemos en Panamá obras de recia envergadura que permitan a los panameños asentarse sobre su pasado” (REAL DE GONZALEZ, 1959, p. 10).

El historiador panameño, Moisés Chong, citando al Dr. Gasteazoro, expresa lo siguiente sobre la escasez de la historiografía panameña:

[...] el Dr. Carlos Manuel Gasteazoro, al referirse a los principios del estudio de las fuentes históricas panameñas, indica que tales estudios no han sido cultivados en forma orgánica entre nosotros, agregando que "es indudable que a ello se debe el atraso lamentable de nuestros estudios históricos, basados en su gran mayoría en las fuentes de segunda mano, desprovistos de documentos comprobatorios y noticias inéditas (GASTEAZORO, 1956 apud CHONG, 1998, p. 29).

Todo lo señalado anteriormente, muestra cómo el poder y el saber están estrechamente ligados, y cómo en simbiosis pueden llegar a crear una realidad, incluso una identidad.

2 LA CREACIÓN DEL ARTIFICIO

Como ya se ha mencionado previamente, Méndez Pereira inicia su obra con una nota dirigida al lector, donde intenta argumentar su falacia, incluso colocándose como historiador —cosa que hacía pero que realmente no era—: “Yo había de contribuir con los documentos históricos” (MÉNDEZ PEREIRA, 1940).

Durante la obra utiliza citas directas de los cronistas para argumentar su “verdad”, maneja un discurso posicionado hacia la bondad y el heroísmo de los colonos —principalmente Balboa—, y la hostilidad de los nativos.

Introduce la figura de Balboa como un héroe, utilizando calificativos deslumbrantes, diciendo que tenía los ojos azules llenos de bondad y franqueza, y que tenía la figura de un semidios del Olimpo:

Su noble figura de hidalgo, la rubia cabellera descubierta al sol, brillando cual, si reflejara ya todo el oro de Tierra Firme, el pecho levantado, los brazos musculosos, el ademan resuelto, los ojos azules llenos de bondad y de franqueza, parecía ahora la de un semidios de la *Ilíada* que aguardara una sentencia del Olimpo (MÉNDEZ PEREIRA, 1940, p.15).

Coloca la figura de los conquistadores como héroes intrépidos, fieles creyentes, protegidos por Dios y la Virgen, alegando su bondad:

El mismo Ojeda, el Caballero de la Virgen, como los llamaban sus compañeros por su devoción a la Virgen que lo protegía milagrosamente en sus mayores arrestos, estuvo a punto de perecer en la emboscada que le prepararon los indios (MÉNDEZ PEREIRA, 1940, p.17).

En el tercer capítulo de la obra, denominada “La ciudad de la muerte”, se dedica a narrar la hostilidad de los nativos para con los “pobres” colonizadores devotos de Dios y la Virgen: “Los indios habían quemado el fuerte de madera y las treinta casas de paja que hizo construir Ojeada [...]. Las provisiones se habían agotado completamente, la hostilidad de los indios se había renovado con mayor encarnizamiento” (MÉNDEZ PEREIRA, 1940, p.21).

Obsérvese como sigue posicionando el mismo discurso a lo largo de la obra: “Los españoles le hicieron señales de paz, pero ellos contestaron con una lluvia de piedras y flechas” (MÉNDEZ PEREIRA, 1940, p.24).

Y el relato de Balboa está lleno de heroísmo, hazañas y aventuras:

Balboa había peleado como todo un Aquiles, con su tizona invencible, hiriendo incansable y múltiple, parando golpes, empujando al enemigo desde lo alto del cerro, multiplicándose para infundir coraje y alientos a sus compañeros. Su espada parecía un extraño aparato, que se multiplicaba como si estuviera manejada por el gigante Briareo, para despedazar cráneos y huesos y abrir carnes desnudas (MÉNDEZ PEREIRA, 1940, p.25).

Claramente se notan los atributos exagerados que Méndez Pereira añade a su personaje; sin embargo, aunque sean contradictorios a su discurso de veracidad, es lo que el autor intenta crear, hacer pasar a la ficción por realidad.

En el capítulo noveno, el autor narra los hechos del saqueo y la invasión de los colonos para seguir dándole veracidad a su historia, continuando con la línea de tiempo en base a las crónicas —principalmente en base a los relatos de López de Gómara²—, no obstante, intenta retractar lo narrado alegando a la bondad de Balboa:

Contra lo que pudiera creerse Careta y su familia fueron tratados por Balboa con gran cortesía y consideración. En parte, sin duda por arrepentimiento de su perfidia para con el pobre indio, en parte, por respeto innato a la majestad de los reyes, en parte, también según después pudo comprobarse, por la impresión que en el habían producido la belleza y la dulzura de Anayansi (MÉNDEZ PEREIRA, 1940, p.41).

Nótese en la cita anterior, que a partir de ahí, Méndez Pereira intenta introducir la figura de Anayansi para moldear toda su historia, ya que es a través de este personaje —del cual no existen datos historiográficos (GASTEAZORO, 1977 apud PORRAS, 2018)—, que se le da forma a la figura de Balboa, al empatizar con los nativos, evocando al mestizaje de la nación. Nótese también, que en la misma cita anterior, el autor asegura que se “comprobó” que a Balboa le impresionó la belleza de Anayansi, afirmando que de ese enamoramiento emanaba toda su bondad para con los nativos; cosa que no existe en los datos redactados por los cronistas, sino que es nombrada una supuesta hija del cacique Careta que le fue entregada a Balboa: “Careta le entrega una de sus hijas a Balboa, de la cual Las Casas no da ni el nombre. Todo apunta a que esta sería Anayansi” (IBAÑEZ CASTEJÓN, 2019 p. 18).

² *Historia general de las Indias*, obra que fue prohibida y confiscada en 1953. El autor, López de Gómara también fue fuertemente acusado por Bartolomé de las Casas de falsear los hechos a favor de los colonizadores (Hernán Cortés), que según Las Casas, le dictaba lo que debía escribir, ya que nunca había estado en América (GONZÁLEZ GONZÁLEZ, 2022).

Obsérvese aquí, el recurso de donde Méndez Pereira argumenta toda su historia ficticia: “Siempre que se tratara de proteger al indio, y sobre todo a la mujer, Balboa obraba bajo la influencia de Anayansi. Ella le había enseñado que no había diferencias fundamentales entre las dos razas” (MÉNDEZ PEREIRA, 1940, p.85).

Ya en los siguientes capítulos, el autor comienza a darle forma a la supuesta relación de Anayansi y Balboa, detallando románticamente el acercamiento entre el colonizador y la nativa, narrando el supuesto amor y la unión de los dos mundos, el mestizaje cultural, romantizando así la conquista. Y a partir de esta supuesta historia de amor, Balboa logra el acercamiento con los nativos, se gana su confianza y consigue obtener la información para llegar al Mar del Sur —nótese que todo esto entorno a la supuesta relación con Anayansi—, cosa que en las crónicas de Bartolomé de las Casas como de López de Gómora —el cual narra la historia de una manera más simpatizante con los colonizadores—, no se da esa forma, sino que se menciona que Balboa obligaba a los nativos aliarse, o si no serían asesinados:

Soltó Balboa casi todos los que prendió en esta escaramuza, y envió con ellos dos españoles y ciertos cuarecanos a llamar a Chiape, diciendo que si venía lo tendrían por amigo y guardaría su persona, tierra y hacienda; y si no venía, que talaría los sembrados y frutales, quemaría los pueblos, mataría los hombres. Chiape, de miedo de aquello, y por lo que le dijeron los de Cuareca acerca de la valentía y humanidad de los españoles, vino y fue su amigo, y se dio al rey de Castilla por vasallo (LÓPEZ DE GÓMORA, 1999, p.94).

Y en la versión de Bartolomé de las Casas se describe lo siguiente:

La costumbre de Vasco Núñez y su compañía era dar tormentos a los indios que prendían, para que descubriesen los pueblos de los señores que más oro tenían y mayor abundancia de comida: iban de noche a dar sobre ellos a fuego y a sangre (LAS CASAS, 1978, apud IBÁÑEZ CASTEJÓN, 2019, p .21).

En las citas anteriores, se puede notar claramente la subjetividad de los autores en sus relatos; sin embargo, ambos describen la crueldad de Balboa, cosa que Méndez Pereira omite por completo en su historia, y que al contrario, hace afirmaciones como: “Nuestro héroe” (MÉNDEZ PEREIRA, 1940, p.60), intentando convencer al lector de su historia surrealista. Y cuando emprenden la aventura de ir a “descubrir” el Mar del Sur, continúa haciendo referencia a su bondad: “Hubo de dedicarse el mismo a cuidar de los enfermos con el cariño paternal que sabía poner en estas cosas” (MÉNDEZ PEREIRA, 1940, p.60).

Ya en el capítulo decimonoveno, relata la travesía del colonizador y sus hombres para atravesar el istmo, cruzar la selva impetuosa y salvaje; subliminalmente refiriéndose a la ruta del canal interoceánico, dejando leer entre líneas que fue descubierta primeramente por Balboa, y no por los franceses y norteamericanos que llegaron mucho después al istmo para iniciar las construcciones del canal.

En el desenlace de la obra, el autor posiciona las acusaciones hacia Balboa como meras intrigas por causa de envidias; principalmente con la llegada de Pedro Arias Dávila³ como el vil villano que ordenaría la decapitación del colonizador; y que si bien, la historia oficial apunta a que Arias Dávila mantenía disputas con Balboa y ordenó su ejecución, Méndez Pereira exagera la historia para victimizar al conquistador, por lo tanto el relato de Pedrarias (Pedro Arias Dávila) y sus hombres está plagado de injusticias y masacres contra los nativos, cosa que Balboa jamás haría, porque según el autor, estaba aculturado por el amor que sentía por Anayansi:

La conducta usada por Ayora y sus capitanes para con los indios fue atroz. Sin hacerles requerimiento alguno, los salteaban de noche mientras dormían; atormentaban a los caciques, echándolos a los perros para que los destrozasen vivos; asaban a otros al fuego vivo, les sacaban los ojos de las orbitas, les tomaban sus hijos y mujeres y les hacían prisioneros a cuantos podían para tener esclavos que repartir y vender de su vuelta. Los que Balboa había dejado de paz y salían a recibirlo en son de amigos, no se escapan de llevar igual suerte [...] (MÉNDEZ PEREIRA, 1940, p.126).

Obsérvese que en la cita anterior, el autor intenta basarse en las masacres narradas por los cronistas, sin embargo le da una orientación diferente, excluyendo a la figura de Balboa de tan terribles atrocidades, cosa que no ocurre en las crónicas, sino que se describe su crueldad, aunque muchas veces justificada por López de Gómora como justiciero de Dios para castigar a los sodomitas:

Aperreó Balboa cincuenta putos que halló allí, y luego quemólos. informado primero de su abominable y sucio pecado. Sabida por la comarca esta victoria y justicia, le traían muchos hombres de sodomía que los matase. Y según dicen, los señores y cortesanos usan aquel vicio, y no el común; y regalaban a los alanos, pensando que de justicieros mordían los pecadores [...] (LÓPEZ DE GÓMORA, 1999, p. 93).

Nótese como López de Gómara continúa justificando a Balboa como justiciero del pecado sodomita de los nativos:

³ Gobernador de Castilla del Oro (Tierra Firme) en 1514 y fundador de la Ciudad de Panamá en 1519 (GER, 1999).

Era Pacra hombre feo y sucio, sí en aquellas partes se había visto, grandísimo puto, y que tenía muchas mujeres, hijas de señores, por fuerza, con las cuales usaba también contra natura; en fin, concordaban sus obras con el gesto. Informado Balboa de todo esto, fue metido en cárcel con los tres caballeros que trajo, ca también ellos pecaban aquel pecado (LÓPEZ DE GÓMORA, 1999, p. 97).

A diferencia de Gómora, con relación al acto justiciero de Balboa contra los nativos sodomitas (homosexuales), Las Casas expresa lo siguiente:

¿Quién hizo juez a Vasco Núñez, o con qué autoridad se constituyó alcalde en señorío o jurisdicción ajena, siendo él súbdito de aquellos naturales señores por estar en su tierra, y que de justa justicia, por sus tiranías, invasiones y robos tan universales y por toda ley natural, divina y humana, dañados, si fuerza tuvieran, podían hacerlos cuartos tajadas? Cuanto más que aun traer algunos aquel hábito [de mujer] podía ser por otra causa, sin pensar en cosa del pecado nefando (LAS CASAS, 1978, apud IBAÑEZ CASTEJÓN, 2019, p. 20).

Sin embargo, esta falsa justicia de Balboa se puede apreciar en la siguiente citación, donde el colono le perdona la vida a los sodomitas con tal de obtener oro:

Tantas y más querellas tuvo Balboa de Tumanamá como de Pacra, y tan contra natura, aunque no tan públicamente vivía con hombres y mujeres el uno como el otro. Reprendióle ásperamente, amenazólo mucho, hizo como que lo quería ahogar en el río; empero todo era fingido, por contentar a los querellantes y sacarle su tesoro; que más le quería vivo y amigo que muerto (LÓPEZ DE GÓMORA, 1999, p. 98).

La cita anterior expresa claramente el único objetivo de Balboa: el oro, cuya avaricia es afirmada por Las Casas: “Todo su fin y negocio no era sino saber dónde había oro, y dónde se sacaba el oro, y quién poseía el oro, y la devoción que tenían por el oro” (LAS CASAS, 1978, apud IBAÑEZ CASTEJÓN, 2019, p. 21).

Continuando con el análisis de la narrativa de Méndez Pereira; mientras Pedrarias se encargaba de destruir todo lo que supuestamente Balboa había logrado con los nativos, el colonizador intentaba resaltar su nombre, emprendiendo una nueva aventura: el tesoro del Dabaibe, el cual es mencionado por Balboa en su carta⁴ de relación como un cacique y un lugar que contenía mucho oro; y que luego el autor

⁴ “Cuenta Vasco Núñez de Balboa en su carta de relación de 1513 que había un cacique llamado Dabaibe que tenía muchísimo oro y que este dorado metal se encontraba por todas partes del Darién y áreas aledañas -río San Juan- (Colombia), y en todos los ríos y sierras se cogía en grandes cantidades” (HERRERA GUILLÉN, 2017, p. 334).

amplia en su narrativa para dar connotaciones heroicas al aventurero conquistador, que si bien, lo único que buscaba era saciarse de oro, como señalaban los cronistas. Pero, según Méndez Pereira, la leyenda le había sido contada por su amada Anayansi —nuevamente Anayansi es usada como un recurso para conectar toda la historia—. Era un templo divino en el que abundaban oro y diamantes, al que Balboa intentó llegar por segunda vez, pero fracasó; lo que lo hizo ser víctima de burlas de los hombres de Pedrarias. Luego de esto, Balboa es traccionado por Garabito, el cual, según Méndez Pereira, envía una carta a Pedrarias injuriando a Balboa, notificando sus intenciones de ir en su contra, lo que sería el detonante para la aprehensión y luego decapitación del colonizador. Pero, cabe resaltar que Garabito realiza este acto como forma de venganza, ya que procuraba el amor de Anayansi. Así pues, se puede observar como el autor crea toda la trama de su historia a partir de la figura de la nativa; ahora sería por Anayansi que Balboa sería decapitado, a raíz de la venganza de Garabito al no tener su amor. Pero, antes de ser ejecutado, Balboa ve el futuro de la nación en forma de pesadilla. Méndez Pereira hace analogía de la decapitación de Balboa con la muerte de lo nacional, ya que su pesadilla es la construcción del canal interoceánico en manos de los norteamericanos. También hace alusión a la ubicación del tesoro del Dabaibe que el intrépido Balboa nunca logró encontrar, y que subliminalmente, el autor ubica entre las montañas a orillas del río Darién, siendo esta la primera ruta de exploraciones para la construcción del canal interoceánico, como bien demuestra la siguiente citación:

Los primeros mapas sobre la región del Darién datan de 1852, cuando Lionel Gisborne y Eduardo Cullen publican sus mapas sobre las exploraciones en el Darién. La región del Darién fue explorada en 1849 por el irlandés Edward Cullen seguido por el ingeniero inglés Lionel Gisborne en 1852 quien dejó un informe denominado “The Isthmus of Darién in 1852”, Cullen también escribió “Over Darien by a ship canal”, editado en 1853 (HORTA GAVIRIA, 2018, p.2618).

Esto deja a entender, que alegóricamente, en la narrativa de Méndez Pereira, el tesoro del Dabaibe no es más que el canal de Panamá, el cual estaría siendo saqueado por los norteamericanos.

Ya en el último capítulo, el autor continúa con la alegoría, relatando que después de muerto, el espíritu de Balboa se le presenta a Anayansi, señalando hacia ambos océanos —la ruta interoceánica—. Y luego se fusiona con la sombra de la nativa, haciendo referencia al mestizaje de la nación y sus orígenes hispanos:

Y todos vieron erguirse en el vacío la figura luminosa de Vasco Núñez de Balboa, tendida la mano derecha hacia el Mar del Sur, la izquierda hacia el Atlántico, como un hombre transfigurado en cruz. [...] Todos se apartaban en silencio, respetuosamente, para darle paso a Anayansi. Y caminando hacia Vasco Núñez, la vieron perderse como una sombra en las sombras de la noche (MÉNDEZ PEREIRA, 1940, p.165).

Como resultado de esa idealización inventada por Méndez Pereira, se puede observar que la narrativa e imagen ficticia de Balboa se sigue reproduciendo en la sociedad panameña como producto de consumo para identificar lo nacional. Así pues, siendo parte del imaginario y memoria colectiva actual.

3 MEMORIA HISTÓRICA

Para autores como Malaver Cruz (2013), la ficción no debe invadir o contaminar la historia, sino mostrar otra cara de la moneda, una versión de los que no tienen voz. Sin embargo, a través de la novela de Méndez Pereira la ficción se convirtió en realidad, introduciéndose en la memoria colectiva y creando una nueva narrativa de los orígenes históricos panameños. Analizando la situación desde este punto de vista, Méndez Pereira en su obra realizó la función de historiador y no de escritor-novelistas. Esto demuestra lo que argumentaba Malaver Cruz (2013) explicando a Hegel, sobre la inventiva del historiador por dar forma a la historia y a la realidad de los hechos. En este caso se invirtió el proceso, Méndez Pereira recrea al personaje de Balboa, pero, a partir de allí inventa una nueva historia, y esta historia se introduce como parte de la realidad panameña, por lo tanto, al convertirse en realidad, entonces sí estaría haciendo la función de historiador.

Con relación a esta dicotomía entre la historia y la invención, la autora alega lo siguiente:

En suma, tanto Hegel como Nietzsche consideraban que la labor del historiador es una forma de arte literaria; más concretamente, consiste en una intuición poética de lo particular. Para ambos, la labor del historiador es tanto una invención como un hallazgo de los hechos históricos (MALAVER CRUZ, 2013, p. 40).

Todo lo citado anteriormente, demuestra que la historia siempre estará impregnada de subjetividad, de modo que va a carecer de veracidad, ya que no existiría objetividad “total”. Entonces, ¿dónde quedaría la línea entre la ficción y la realidad de los hechos? ¿En qué consistiría la historia, y por ende, la memoria histórica de una nación?

3.1 HISTORIA VS MEMORIA

Según Marc Bloch (2001), la historia es meramente subjetiva, no puede ser objetiva por que se construye en base a la interpretación del historiador: “[...] el historiador se halla en la absoluta imposibilidad de constatar por sí mismo los hechos que estudia. [...] en contraste con el conocimiento del presente, el conocimiento del pasado es forzosamente "indirecto" (BLOCH, 2001, p.75).

Sobre la objetividad de la historia, Ricoeur también argumentaba lo siguiente:

A história é essencialmente equívoca, no sentido de que é virtualmente *événementielle* e virtualmente estrutural. A história é na verdade o reino do inexato. Esta descoberta não é inútil; justifica o historiador. Justifica todas as suas incertezas. O método histórico só pode ser um método inexato... A história quer ser objetiva e não pode sê-lo. Quer fazer reviver e só pode reconstruir. Ela quer tomar as coisas contemporâneas, mas ao mesmo tempo tem de reconstituir a distância e a profundidade da lonjura histórica [...] (RICOEUR, 1961 apud LE GOFF, 1990, p. 21).

Las citaciones anteriores demuestran que la historia no es una ciencia exacta, sino que carece de objetividad, de ser así; entonces, ¿qué vendría siendo la memoria histórica?

Para Le Goff (1990), la memoria no es lo mismo que la historia, sino que es un elemento fundamental en la elaboración de la misma. Por otro lado, Halbwachs (2004) en su obra titulada: “La memoria colectiva”, argumenta el concepto de memoria como la formación y reconstrucción de recuerdos, que en su mayoría no son individuales, sino de índole colectiva, ya que el individuo estaría todo el tiempo en contacto con su entorno social, lo que hace que los recuerdos individuales, aunque parezcan propios sean realmente colectivos. Con respecto a esto, el autor argumenta lo siguiente:

[...] el recuerdo es, en gran medida, una reconstrucción del pasado con la ayuda de datos tomados del presente, y preparada de hecho con otras reconstrucciones realizadas en épocas anteriores, por las que la imagen del pasado se ha visto ya muy alterada (HALBWACHS, 2004, p.71).

Es decir, que esta reconstrucción de los recuerdos nos daría como resultado una memoria distorsionada, siendo estos recuerdos los que construyen la propia memoria. En relación a lo mencionado, Halbwachs afirma que: “[...] el recuerdo es una imagen enredada con otras imágenes, una imagen genérica transportada al pasado” (HALBWACHS, 2004, p.73). También señala que: “[...] la memoria se enriquece con aportaciones extrañas que, a partir del momento en que arraigan y reencuentran su sitio, dejan de distinguirse de los demás recuerdos” (HALBWACHS, 2004, p.78).

Para este autor, el término “memoria histórica” es antagónico, ya que la memoria colectiva es maleable, se retroalimenta constantemente del grupo, la cual al no ser alimentada podría desaparecer, a diferencia de la historia.

Obsérvese la cita a continuación:

La memoria de una sociedad se extiende hasta donde puede, es decir, hasta donde alcanza la memoria de los grupos que la componen. [...] a medida que sus miembros individuales, sobre todo los más ancianos, desaparecen o se aíslan, no deja de transformarse, y el grupo en sí cambia sin cesar (HALBWACHS, 2004, p.84).

Halbwachs señala las diferencias entre la memoria y la historia, que en “teoría” es fija o inamovible. Afirma lo siguiente: “La historia, que se sitúa fuera de los grupos y por encima de ellos, no duda en introducir en el curso de los hechos divisiones simples, cuyo lugar se fija de una vez para siempre” (HALBWACHS, 2004, p.82). También argumenta que: “En realidad, en el desarrollo continuo de la memoria colectiva, no hay líneas de separación claramente trazadas, como en la historia, sino simplemente límites irregulares e inciertos” (HALBWACHS, 2004, p.83).

En las citas anteriores, el autor demuestra la diferencia entre la memoria y la historia. No obstante, señala que la memoria colectiva es el marco que contiene la memoria histórica, entendiéndose el concepto de memoria histórica como el repositorio que conserva la historia nacional (HALBWACHS, 2004). Y si bien, como la memoria estaría compuesta por recuerdos, los cuales en su esencia estarían distorsionados; esto nos lleva a deducir que, la memoria histórica es una serie de recuerdos inducidos por la sociedad, por el colectivo; por lo tanto, la memoria y la historia pueden ser utilizadas como arma de poder político, ya que la memoria sería una amalgama de recuerdos, los cuales carecen de bases sólidas y se retroalimenta del grupo. Por otro lado, la historia al carecer de objetividad puede ser envuelta por la subjetividad y el discurso de poder de quien la maneje.

3.2 MEMORIA HISTÓRICA COMO ARMA DE PODER

Schieder y Faber señalan que la memoria (histórica) puede ser manipulada y usada como un arma del poder político:

Se a memória faz parte do jogo do poder, se autoriza manipulações conscientes ou inconscientes, se obedece aos interesses individuais ou coletivos, a história, como todas as ciências, tem como norma a verdade. Os abusos da história só são um fato do historiador, quando este se torna um partidário, um político ou um laiaio do poder político (SHIEDER; FABER, 1978 apud LE GOFF, 1990, p. 32).

Mientras que Paul Valéry coloca la misma historia como un producto peligroso: "A história é o, produto mais perigoso que a química do intelecto elaborou... A história justifica o que se quiser. Não ensina rigorosamente nada, pois tudo contém e de tudo dá exemplos" (VALÉRY, 1931 apud LE GOFF, 1990, p. 32).

En síntesis, la historia en simbiosis con la memoria, es decir, la memoria histórica, vendría dando como resultado un arma de poder. Un arma de poder que ya estaría dentro de la misma memoria colectiva, siendo esta el marco de la memoria histórica —como ya hemos mencionado previamente—. Así pues, la novela histórica vendría siendo una de las tantas formas de detonar esta arma llamada memoria histórica.

3.2.1 La novela histórica como detonante de la memoria histórica

Según Gómez Martín (2008), explicando a Lukács, afirma que la novela histórica surge como forma de resistencia en periodos de crisis socio-político, intentando dar voces a la otra cara de la historia que nadie quiere ver. La autora también alega que la novela histórica debe respetar una cierta estructura. Afirma lo siguiente: "[...] en teoría, una correcta novela histórica será aquella que presente un equilibrio entre ficción y realidad, equilibrio que se evidencia en el alto o bajo grado de credibilidad o veracidad del relato" (GOMEZ MARTÍN, 2008, p.140). Es decir, que la ficción no debe sucumbir en la historia. Con respecto a esto, Malaver Cruz expresa que:

[...] la ficción no tiene derecho alguno a invadir, vale decir, contaminar, el terreno de la historia propiamente dicho, y esta, por su parte, es algo inmodificable, cuya función es solamente servir de ambiente o referente con textual para los hechos ficticios relatados (MALAVER CRUZ, 2013, p. 38).

Nótese que la autora en la cita previa utiliza la palabra "inmodificable", al igual que expresaba Georges Duby sobre la historia con relación a la literatura: "A história, se deve existir, não deve ser livre: ela pode muito bem ser um modo do discurso político, mas não deve ser propaganda; pode muito bem ser um gênero literário, mas não deve ser literatura" (DUBY; LARDREAU, 1980 apud LE GOFF, 1990, p. 38).

Cabe resaltar que Méndez Pereira siempre intentó pasar su novela ficticia por realidad, incluso publicándola como la biografía oficial de Balboa; no obstante, por sus matices fantasiosos pasó a ser considerada como novela histórica. El autor utilizó elementos de este género como el mestizaje, la conquista de América, entre

otros; sin embargo, no se encuadra en ninguna categoría en específico, como se analizará en la continuación.

Cella (2022) afirma que la diferencia entre el discurso histórico y literario es alcanzar la veracidad, mientras que el discurso literario se aproxima por mostrar otra versión de los hechos sin dejar de ser considerados como obra de ficción. En cambio, la intención de Méndez Pereira siempre fue defender su novela como real, cosa que no pasa en el género literario, sino historiográfico. Otro elemento bien marcado de la novela histórica en la obra de Méndez Pereira es la resistencia social, que como ya se ha explicado, buscaba la creación de una identidad nacional propia impregnada de ideologías coloniales; que si bien, en la novela histórica existe este rasgo de exaltar a los “héroes” coloniales para reforzar la historia oficial, como señala Cella (2022) en su tesis, explicando a Fleck. En cambio, Méndez Pereira deconstruye la versión oficial y exalta al héroe recreado por él mismo, es decir, recrea la figura del colonizador y luego exalta su propia versión, en vez de la versión oficial, como es comúnmente realizado en este género. Esto demuestra claramente cómo el autor utiliza elementos de la novela histórica como un recurso, acomodándolo a sus intereses políticos.

Según Fleck (2017 apud CELLA, 2022, p.30), el transcurso de la novela histórica se divide en dos grandes grupos, tres fases y cinco modalidades. En los dos grupos existen los que por medio de la ficción amplían el discurso hegemónico historiográfico y los que la deconstruyen. Como ya se ha mencionado, Méndez Pereira se encontraría en los dos grupos, el autor deconstruye la versión oficial de Balboa y luego amplía su propia versión como discurso hegemónico historiográfico. Dentro de las cinco modalidades, la obra del autor contiene elementos de casi todas, pero al mismo tiempo no hace parte de ninguna. La primera modalidad, continúa la línea de las primeras novelas de Walter Scott, donde se presentan una historia de amor entre personajes coloniales-ficticios, como es el caso de Anayansi (ficticio) y Balboa. La segunda modalidad, también llamada tradicional, alega por ampliar un discurso hegemónico histórico, cosa que Méndez Pereira logró hacer, mezclándolo con la tercera modalidad, es decir, el surgimiento de la novela histórica latinoamericana, que ya traía tintes de reflejar otra versión de los hechos; y que si bien, de alguna manera influyó en las creaciones de las identidades nacionales (CELLA, 2022), no deja de ser ficción; cosa que no ocurrió con la obra de Méndez Pereira, el autor siempre alegó por pasarla como real desde el momento de su publicación. En la cuarta modalidad, de metaficción, también se encajaría, ya que la narrativa se apoyaría en los recursos meta-ficcionales como la nota al lector y la

supuesta carta con el escritor español Vicente Blasco Ibáñez, alegando la creación de una obra biográfica, incluso sitúa su propia obra en el género antiguo de la “relación”.

El análisis anterior se puede representar de la siguiente forma:

Cuadro 1 - Novela histórica vs. novela de Méndez Pereira

NOVELA HISTÓRICA	NOVELA DE MÉNDEZ PEREIRA
Se deconstruye la historia oficial	Se deconstruye la historia oficial
Se exalta a al héroe histórico	Se exalta al héroe inventado
Se amplía el discurso hegemónico nacionalista	Se crea el discurso hegemónico nacionalista
Historia de amor entre personajes histórico-ficticios	Historia de amor entre personajes histórico-ficticios
La metaficción	“La metaficción”
Educar sobre historia	Educar sobre la historia inventada
Se exalta el colonialismo	Se exalta el colonialismo
Es publicada como género ficcional	Es publicada como género historiográfico

Fuente: elaboración propia a partir de la clasificación de Fleck (2017).

Lo anteriormente analizado, demuestra que la novela de Méndez Pereira no se posesiona en ninguna categoría de novela histórica, sino que contiene rasgos de muchas categorías o modalidades, porque la intención del autor no era crear una novela histórica, era publicar un arma literaria.

En este género híbrido, la línea entre la realidad y la ficción puede ser muy estrecha hasta el punto de perderse y ser utilizados con fines políticos, como señalaba Banzin:

[...] na medida em que não se considera a si próprio ficção, um conto histórico é sempre uma armadilha: poderíamos acreditar com facilidade que o seu objeto lhe dá um sentido, que não ultrapassa aquilo que conta", enquanto que na realidade "a lição da história oculta outra, política ou ética, que, digamos assim, está por fazer" (BAZIN, 1979 apud LE GOFF, 1990, p. 111).

La novela de Méndez Pereira ilustra claramente lo que señala la cita anterior, el autor intenta parecer lo más verídico posible en su relato, lo que lo convierte en un artificio de poder político, o mejor dicho, en un detonante de la memoria histórica. Sin embargo, la élite intelectual panameña y Méndez Pereira consideraban que la novela era necesaria para reforzar las bases hispanas de la nación, al verse bajo opresión del imperialismo norteamericano, es decir, la novela se creó como forma de resistencia, intentando sentar unas bases ficticias para evitar caer en el olvido de las raíces hispanas.

Sobre el olvido, Montysuma afirma lo siguiente: “O esquecimento é uma arte através da qual as sociedades se expressam e se constroem. A literatura é o mecanismo através do qual o aparato do esquecimento é exercitado e comunicado [...]” (MONTYSUMA, 2019, p. 51). Como bien expresa el autor, a través del olvido se pueden construir sociedades, utilizando la literatura como mecanismo. En el caso de Méndez Pereira y su novela, se creó para reforzar las bases de la identidad panameña y evitar el olvido de las raíces hispanas. Sin embargo, se estaría ejerciendo coerción sobre la historia nacional por medio de la memoria colectiva.

Sobre la memoria, Montysuma alega que: “A memória é, portanto, a vitória contra o esquecimento. Mas será uma vitória efêmera porque é memória, e por ser memória está sempre sob ameaça de sucumbir” (MONTYSUMA, 2019, p. 49). El autor afirma que la memoria vendría siendo la victoria contra el olvido, sin embargo, es efímera; es decir, que carecería de consistencia y por lo tanto puede ser maleable, o mejor dicho, manipulable; se alimenta del grupo y en cualquier momento puede desaparecer, a diferencia de la historia, la cual sería inamovible; por lo tanto, serviría de estrategia para poder modificar la memoria histórica a través de la memoria colectiva.

Cabe señalar que la imagen del Balboa inventado por Méndez Pereira se integró en la memoria colectiva panameña hasta fosilizarse en la memoria histórica. Y si bien es cierto, el personaje de Balboa ya era un emblema de lo nacional desde 1904, ya que la élite panameña lo convirtió en la moneda oficial después de la separación de Colombia, en busca de una identidad propia —irónicamente, fue diseñada y acuñada en Estados Unidos por la Casa de Monedas de Filadelfia⁵—. Esto sirvió para que en próximos años los grupos intelectuales y Méndez Pereira consiguieran introducir la imagen de un Balboa *panameñizado*, creando el personaje de padre fundador de la nación, ya que ahora vendría siendo un símbolo patrio, inamovible como la historia misma.

⁵ Datos del diario *Dia a Dia*, en la redacción de Sesiél Cespoli (2013).

El análisis realizado en esta sección, demuestra que la memoria histórica es un arma de poder, y la novela histórica ficticia puede convertirse en el detonante.

4 FOSILIZACIÓN DEL RECUERDO FICTICIO

Según las investigaciones de la doctora Elizabeth Loftus (2000), sobre los falsos recuerdos, afirma que es posible que la mente humana cree recuerdos estando bajo sugestión o mala praxis terapéutica, comprobando lo maleable que puede ser la memoria individual; entendiéndose por memoria no solo al recuerdo, sino a la mente misma. Si bien es cierto, el tema de este estudio no es la memoria individual, sino colectiva, por lo que, cabe destacar los estudios de Halbwachs (2004) sobre la memoria de grupo, que si bien, es grupal o social, se comporta como una memoria individual, es decir, que ambas son diferentes, pero funcionan de la misma manera en distintas dimensiones.

Según Loftus (1997, 2003b apud ALVES; LOPES, 2007 p. 47), la memoria comprende la identidad, es alimentada por el entorno, puede ser creada, modificada y perdida, al igual que la memoria colectiva.

Obsérvese la siguiente cita:

[...] a memória é algo precioso na vida do indivíduo, pois dá a cada uma sua identidade, ligando-o aos seus familiares e amigos. A princípio, a memória pode parecer fixa e estabelecida, mas ela é maleável e inacurada, podendo ser criada, modificada e até mesmo perdida ao longo da vida. A partir dos diversos estudos de Loftus e Hoffman (1989) eles concluíram que a memória das pessoas não é somente a lembrança daquilo que elas fizeram, mas é combinação, também, de tudo o que pensam, acreditam e recebem do meio externo (LOFTUS; HOFFMAN, 1989 apud ALVES; LOPES, 2007, p.47).

Por otro lado, Halbwachs (2004) afirma que la memoria colectiva, aunque no se confunde con las memorias individuales, las envuelve, y por lo tanto se retroalimentan, o sea, la memoria individual recurre a los recuerdos de los demás:

Consideremos ahora la memoria individual. No está totalmente aislada y cerrada. Muchas veces, para evocar su propio pasado, un hombre necesita recurrir a los recuerdos de los demás. Se remite a puntos de referencia que existen fuera de él, fijados por la sociedad. Es más, el funcionamiento de la memoria individual no es posible sin estos instrumentos que son las palabras e ideas, que no ha inventado el individuo, sino que le vienen dadas por su entorno (HALBWACHS 2004, p. 54).

No obstante, esta misma memoria individual, siendo tan maleable y accesible al entorno, como señala la citación anterior, tendría la facultad de recrear recuerdos:

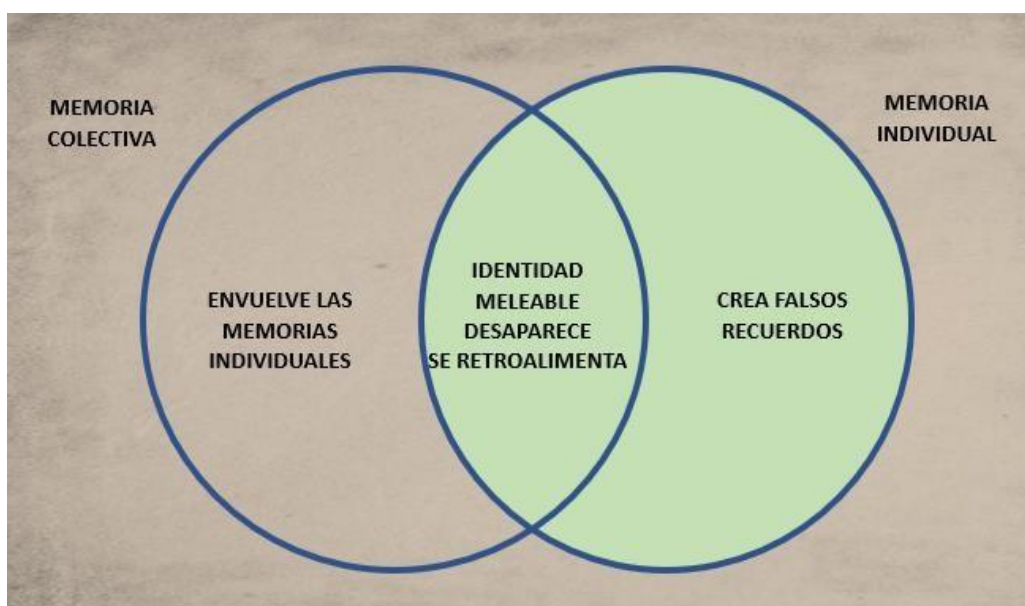
Así, cuando volvemos a una ciudad donde hemos estado anteriormente, lo que percibimos nos ayuda a recomponer un cuadro del que habíamos olvidado muchas partes. Si bien lo que vemos hoy se sitúa en el contexto de nuestros recuerdos antiguos, estos recuerdos se adaptan, sin embargo, al conjunto de nuestras percepciones actuales. Todo sucede como si confrontásemos diversos testimonios. Como en lo básico concuerdan, aun con algunas divergencias, podemos reconstruir un conjunto de recuerdos con el fin de reconocerlo (HALBWACHS 2004, p. 25).

Esta facilidad de recrear recuerdos como afirmaba Halbwachs, podría dar lugar a lo que la doctora Loftus llama “falso recuerdo”, es decir, que el recuerdo pasaría de ser re-creado a creado:

[...] as FM's são criadas através de sugestões ou de imaginações. No primeiro caso, as reais combinam-se com o conteúdo sugerido por terceiros, o que pode gerar uma falsa memória tão real que as pessoas fornecem detalhes e até mesmo expressam suas emoções sobre o evento que na verdade não aconteceu (LOFTUS, 1997, 2003a apud ALVES; LOPES, 2007, p.47).

Tomando en consideración que la memoria individual posee las mismas características que la memoria colectiva, haremos analogía de los conceptos, los cuales se pueden representar bajo el siguiente diagrama:

Diagrama 1 – Memoria individual y memoria colectiva



Fuente: elaboración propia a partir de los estudios de Loftus (2000) y Halbwachs (2004).

Tomando como base la analogía de la memoria tanto individual como colectiva, se puede argumentar que, la narrativa de Méndez Pereira se introdujo en la memoria panameña al ser alimentada por el grupo, es decir, la sociedad, a través de la implantación de un falso recuerdo sobre los orígenes históricos nacionales, hasta el punto de entrar en la memoria histórica y fosilizarse como una realidad —tema que se analizará más adelante.

4.1 LA IMPLANTACIÓN

Como ya se explicó anteriormente, la memoria tendría la facultad de crear falsos recuerdos, los cuales pueden ser sugestionados o implantados por el exterior o el entorno: “As FM’s sugeridas ou implantadas dizem respeito àquelas que resultam de uma sugestão externa ao indivíduo, seja esta proposital ou não, cujo conteúdo não faz parte do evento experienciado, mas contém características coerentes com o fato (REYNA; LLOYD, 1997 apud ALVES; LOPES, 2007, p.46).

Nótese que en la cita anterior, los autores señalan que, si bien, el recuerdo es implantado, aunque no haya sido experimentado debe contener características coherentes, es decir, que debe aproximarse a la realidad para que pueda ser asimilado, y por lo tanto creado por la memoria.

Méndez Pereira con su novela realizó la misma función de implantación, introdujo la imagen de un Balboa amigable y benevolente en la memoria colectiva panameña para poder fundamentar la identidad de la nueva nación, colocando al conquistador como padre fundador; pero no solamente argumentó su novela ficticia en base a la realidad de un personaje histórico, sino que se valió de elementos reales en la sociedad panameña como la moneda —la cual tiene por protagonista al colonizador español—, el mestizaje, y el adoctrinamiento escolar, para poder implantar una falsa imagen, o mejor dicho, un falso recuerdo. Este proceso de implantación se puede expresar en el siguiente esquema:

Esquema 1- Proceso de implantación del falso recuerdo en la memoria histórica panameña



Fuente: elaboración propia.

Ya desde tiempo remotos, filósofos como Descartes, divagaban sobre las construcciones ficticias con base en la realidad:

[...] sin embargo, hay que confesar que en realidad las cosas vistas en el sueño son como una especie de imágenes pintadas, que no han podido ser inventadas sino a semejanza de las cosas verdaderas; [...] y si tal vez inventan algo tan nuevo que nada semejante haya sido visto, y que sea así por completo ficticio y falso, es cierto, sin embargo, que al menos los colores con los cuales aquello se compone deben ser verdaderos. [...] hay que confesar necesariamente que otras cosas más simples y universales son verdaderas, con las cuales, como con los colores verdaderos, se configuran todas esas imágenes de las cosas, verdaderas o falsas, que se hallan en nuestro pensamiento (DESCARTES, 2009, p.75).

Méndez Pereira no solo implantó la imagen de Balboa con base en las realidades, sino que utilizó otros recursos como el adoctrinamiento, haciendo uso de su poder como educador y político. La novela era leída de manera obligatoria en las escuelas panameñas (PORRAS, 2018), y el mismo Méndez Pereira alegaba reeducar a la población sobre la identidad nacional (GARCÍA RODRÍGUEZ, 2001).

El autor hizo de su novela una práctica colectiva, que como bien señala Lerner Febres (2010), la memoria es una práctica social colectiva que puede transformar la cultura y la política de una sociedad:

Ahora bien, si la narrativa pertenece al mundo de lo textual, ella requiere otro tipo de existencia social para convertirse en una fuerza transformadora de la cultura y la política de una sociedad. El objeto textual que denominamos narrativa se ve complementado, expandido y activado por una experiencia social —una práctica— que llamamos *memoria* (LERNER FEBRES, 2010).

A través de esta práctica de la memoria, o mejor dicho, adoctrinamiento sobre la imagen de Balboa, se podría decir que Méndez Pereira como buen pedagogo que era, utilizó su novela como herramienta nemotécnica contra el supuesto olvido de las raíces hispanas, en oposición a la presencia norteamericana en el país. No obstante, estas prácticas de nemotecnia⁶, ya venían siendo desarrolladas por los antiguos griegos como técnicas de memorización por medio de la comparación, asimilación y recreación (LE GOFF, 1990). Muy parecido a todo lo que se ha explicado sobre la implantación del falso recuerdo para evitar el supuesto olvido de la identidad nacional panameña.

Con relación a la práctica de lo ficticio, Nietzsche expresaba lo siguiente: “[...] un sueño eternamente repetido sería percibido y juzgado como algo absolutamente real” (NIETSCHE, 1996, p. 30).

4.1.1 Lo real vs. lo falso

Unos de los recursos empleados por Méndez Pereira para pasar su novela por realidad fue la relación romántica entre Anayansi y Balboa, haciendo alusión al retrato sociocultural panameño. La narrativa fue bien aceptada por la población porque expresa una realidad actual sobre el mestizaje, lo cual contribuyó para que la narrativa pudiese ser implantada en la memoria colectiva, y, por ende, introducirse en la memoria histórica panameña. Entonces, no podríamos afirmar que toda la obra de Méndez Pereira es pura ficción, sino que utilizando elementos reales, introdujo una imagen ficticia del colonizador español. Así pues, se implantó en la memoria histórica panameña hasta ser recordado como un prócer de la patria. A este tipo de artificio creado por el poeta,

⁶ “Procedimiento de asociación mental para facilitar el recuerdo de algo” (DRAE, 2021, n.p).

Nietzsche lo denomina como pura mentira: “El mentiroso utiliza las designaciones válidas, las palabras, para hacer aparecer lo irreal como real” (NIETZSCHE, 1996, p.20). Sin embargo, para otros pensadores, la realidad podría tener connotaciones metafísicas:

¿Qué se dirá entonces? ¿Acaso (como yo me objetaba antes) que tal vez sueño, o que todo aquello que ahora pienso no es más verdadero que lo que se le presenta al que duerme? No, esto tampoco cambia nada; porque en verdad, aunque soñara, si algo es evidente para mi intelecto, eso mismo es por completo verdadero (DESCARTES, 2009, p. 161).

Es decir, que si es evidente para el intelecto, o sea, que si está asimilado o racionalizado por la mente es real. Entonces, basándonos en Descartes, se podría decir que Méndez Pereira convirtió su novela en realidad, ya que, al ser evidente para la razón, entonces existe. Entiéndase por “evidente”, los recursos de la realidad utilizados por el autor, de los cuales se ha hecho mención en este estudio. Sin embargo, en oposición al idealismo de Descartes está el realismo, que en definición de Leopoldo Palacios: “Es la doctrina de los filósofos que atribuyen una realidad independiente al objeto de las sensaciones del mundo exterior” (PALACIOS 1974, p. 14). Es decir, opuesta a la teoría cartesiana. Consideran la existencia del exterior como “evidente”, o sea la realidad. Obsérvese la diferencia entre las dos corrientes filosóficas en la descripción de Palacios:

Aristoteles y Santo Tomas consideran la existencia del mundo exterior como evidente; no experimentan ninguna necesidad de pasar por el *Cogito*. No porque el *Cogito* no sea, también el, una evidencia, sino porque no condiciona nuestra certidumbre de la existencia del mundo exterior, es decir, porque no es una evidencia primerísima. Descartes, por el contrario, considera que la existencia del mundo exterior no es una evidencia [...] (PALACIOS, 1974, p. 24).

Cabe señalar que todos estos conceptos de “lo real” —frase que utiliza el autor al abrir nota al lector—, apuntan a que Méndez Pereira hizo de su novela una realidad, ya que, basándonos en el realismo filosófico, es “evidente”, porque se percibe en el mundo exterior. Es decir, que la novela de Méndez Pereira no solo se quedó en la mente colectiva del panameño, sino que la imagen implantada de Balboa se percibe día a día en las narrativas contemporáneas como el prócer y fundador de la patria.

Ya en el campo del psicoanálisis, Jacques Lacan (2009) denominaba “lo real” como lo incognoscible, o lo que no se puede contemplar en el mismo psiquismo humano, mientras que la realidad sería las representaciones de lo real, lo imaginario y lo simbólico: “Todo lo que en la realidad humana es construido está construido primitivamente por

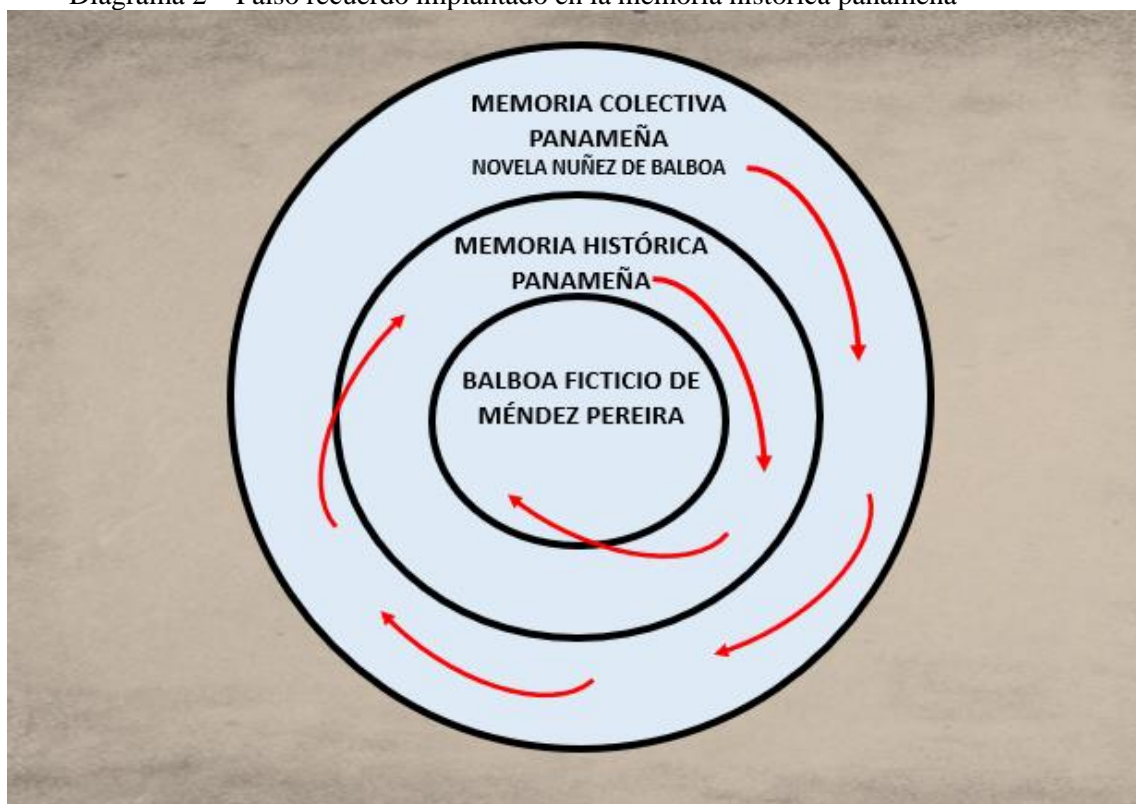
ciertas relaciones simbólicas que después pueden encontrar su confirmación en la realidad” (LACAN, 2009, p. 35). Sin embargo, para pensadores como Nietzsche, “lo real”, es decir, la realidad, está envuelta en una concepción más pesimista: “Vivimos y pensamos completamente bajo la influencia de los efectos de lo ilógico en un mundo de ausencia de conocimiento, y de conocimiento falso” (NIETZSCHE, 1996 apud VAIHINGER, 1996 p.50).

4.2 LA FOSILIZACIÓN

Después de que la imagen ficticia de Balboa fue implantada en la sociedad panameña con base en la novela de Méndez Pereira, las narrativas contemporáneas continúan reproduciendo, y por lo tanto reforzando el recuerdo ficticio. Entiéndase por “recuerdo”, porque aquella imagen implantada ahora vendría siendo parte de los orígenes históricos de la nación.

Obsérvese cómo el Balboa ficticio de Méndez Pereira se introdujo en la memoria histórica panameña a partir de la memoria colectiva:

Diagrama 2 – Falso recuerdo implantado en la memoria histórica panameña



Fuente: elaboración propia.

El centro de convenciones más grande de Panamá y centros educativos llevan por nombre Anayansi, figura de la cual, según el historiador Manuel Gasteazoro

(1977 apud PORRAS, 2018), ni siquiera existen datos historiográficos. Los bancos, cervezas nacionales, calles y avenidas más importantes llevan el nombre del conquistador en su honor (PORRAS, 2018). Es decir, que muchos productos nacionales utilizan el nombre de Balboa en sinónimo de Panamá. Además de estas narrativas contemporáneas, la moneda nacional refuerza la imagen del conquistador, retroalimentando al Balboa inventado por Méndez Pereira. Y no solamente en los productos de consumos aparece el Balboa inventado por el autor, sino que en el arte y entretenimiento panameño también está presente. Según nota periodística del diario de la Universidad de Panamá, la novela de Méndez Pereira estaría siendo adaptada para ser recreada en teatro y televisión, es decir, que una vez más se estaría alimentando y reforzando el recuerdo ficticio en la memoria colectiva. Nótese lo respondido por el entrevistado, escritor panameño Leoncio Obando:

Obando argumentó que se quiso destacar el aspecto humano de ambos personajes: Vasco Núñez de Balboa y Henry Morgan, porque ambos lograron, en la historia, amores concretos con nativas. De Vasco Núñez de Balboa fueron conocidos sus amores con Anayansi, hija del cacique Careta y Henry Morgan, quien se enamora de María del Pilar, española criolla (GUERRA, 2016, n.p).

La cita anterior expresa claramente la romantización que existe en la memoria panameña con relación a los personajes históricos en base a las novelas ficticias de Méndez Pereira. El entrevistado repite el discurso del autor en la entrevista. Afirma que se quiso destacar en el lado “humano” de los personajes porque lograron amores “concretos” con nativas. Esto demuestra no solo la implantación del recuerdo ficticio, sino la fosilización del mismo, el cual ya vendría siendo una estructura rígida, reforzada cada vez con más fuerza por las siguientes generaciones, es decir, que el recuerdo se ha fosilizado en la memoria histórica panameña como parte de los orígenes nacionales.

Otro claro ejemplo de esta fosilización del recuerdo ficticio, se puede apreciar en la respuesta de la directora de la Academia Panameña de la Lengua, Berna Pérez Ayala de Burrel:

En Núñez de Balboa, el autor panameño legó algo mucho más trascendente: un asidero hecho de palabras para el ser panameño; la presencia eterna de un aventurero y el motivo por el que nació: consumir un sueño que repercute en los siglos y permea nuestra existencia como nación. Y, por qué no, el pábulo histórico, económico, político y social que ha definido nuestros intereses intrínsecos desde la conquista hasta la era actual, el mar del Sur, (a propósito, es justo que,

si desde aquí se descubrió y se le dio nombre al mayor océano del mundo, aquí pertenece (JIMENEZ DE CISNEROS, 2014, n.p).

Se puede observar claramente como la entrevistada repite el mismo discurso fantasioso de Méndez Pereira, y hace alusión a la novela como meramente histórica y biográfica, confirmando la clara distorsión; que si bien, muchos literatos de la élite panameña consideran que la obra es ficticia; no obstante, era una causa justa para reforzar la identidad nacional; por lo tanto se autoengañan, y siguen repitiendo el mismo discurso a las próximas generaciones; es decir, la fosilización del recuerdo ficticio en la memoria histórica nacional.

Otro ejemplo de la fosilización del recuerdo ficticio, se puede apreciar claramente en el ensayo escrito por la doctora Matilde Real de González:

Balboa, el romántico aventurero. cuyo perfil histórico esta injustamente dibujado en la historia formal, aparece en Méndez Pereira con todo el vigor humano de su recia personalidad hispánica y rodeado de los atributos de político y colonizador hábil, aparte de capitán valeroso y tenaz (REAL DE GONZALEZ, 1959, p. 12).

Obsérvese que en todos los ejemplos citados se mantiene el mismo discurso ilusorio del autor, sin embargo en el anterior, llega al punto de contradecir la historia oficial para afirmar que Balboa ha sido injustamente dibujado, y que la versión verdadera es la de Méndez Pereira.

Nótese cómo Real de González continúa defendiendo el pensamiento mendecista:

Con estos episodios, admirablemente traídos y rigurosamente verdaderos, Méndez Pereira nos va trazando una estampa psicológica del valiente bondadoso- Adelantado del Mar del Sur, cuya personalidad trágica está íntimamente ligada a los orígenes mismos del destino panameño en su época hispánica (REAL DE GONZALEZ, 1959, p. 13).

Todo lo señalado anteriormente, demuestra la intención del realismo metafísico con el cual Méndez Pereira iniciaba la novela, confirmando el concepto cartesiano de la imaginación como forma existente: “[...] porque a quien considera con más atención lo que es la imaginación, se le muestra que no es otra cosa que una cierta aplicación de la facultad cognoscitiva al cuerpo que está presente para ella de manera íntima, y que por lo tanto existe” (DESCARTES, 2009, p. 165). No obstante, este realismo maravilloso creado por Méndez Pereira en la memoria colectiva panameña,

proviene de la aceptación que le dio la sociedad a la novela, ya que el autor utilizó recursos de la realidad, creando el falso recuerdo de los orígenes coloniales; que, si bien es cierto, en la actualidad la novela ya no es leída de forma obligatoria en las escuelas (PORRAS, 2018), es decir, que ya no se utiliza el adoctrinamiento escolar como solía suceder en el pasado, pero ahora se sigue introduciendo en las narrativas contemporáneas, o sea, que el sujeto está expuesto sensorialmente al recuerdo ficticio, ya que lo percibe a través de los sentidos, por lo tanto, existe, porque es parte de la realidad, como afirmaría el realismo filosófico, pero en términos cartesianos, podemos ser engañados por los mismos sentidos:

Porque todo lo que hasta ahora he admitido como lo más verdadero, lo he recibido de los sentidos, o por los sentidos; pero entre tanto me he dado cuenta de que estos se equivocan, y es propio de la prudencia no confiar nunca plenamente en quienes, aunque sea una vez, nos han engañado (DESCARTES, 2009, p.71).

Obsérvese cómo corrientes filosóficas opuestas se conjugan bajo el análisis de la hipótesis planteada en este estudio:

Esquema 2 – Balboa ficticio fosilizado en el pensamiento y realidad panameña



Fuente: elaboración propia a partir de los conceptos filosóficos del realismo e idealismo.

Con relación al engaño que pueden producir los sentidos, mencionado por Descartes, podríamos decir que, los sentidos de la mente colectiva panameña perciben una realidad alterada que evoca al recuerdo ficticio. Sin embargo, para Nietzsche el engaño, o mejor dicho, el autoengaño, es parte de la naturaleza del ser

humano en su búsqueda por la felicidad dentro de la ficción:

Pero el hombre mismo tiene una invencible inclinación a dejarse engañar y está como hechizado por la felicidad cuando el rapsoda le narra cuentos épicos como si fuesen verdades, o cuando en una obra de teatro el cómico, haciendo el papel de rey, actúa más regiamente que un rey en la realidad. El intelecto, ese maestro del fingir, se encuentra libre y relevado de su esclavitud habitual tanto tiempo como puede engañar sin causar daño, y en esos momentos celebra sus Saturnales (NIETZSCHE, 1996, p.35).

Este concepto de Nietzsche sobre el engaño y el autoengaño ha sido bien representado por la memoria colectiva panameña, demostrando que la realidad puede ser vivenciada desde una mera ilusión, es decir, desde la ficción.

CONSIDERACIONES FINALES

En este estudio se ha podido demostrar el uso que se le puede dar a la literatura, en específico a la novela histórica, que si bien, Méndez Pereira no publicó su obra como novela ficticia, sino como un supuesto estudio biográfico, estudiosos como Ruiloba (2013), afirman que la misma es un prototipo de la novela histórica en Latinoamérica a partir de su primera publicación en 1934.

Se ha podido constatar que la novela histórica es un arma, la cual puede ser usada para implantar ideas, pensamientos y hasta recuerdos de manera colectiva, lo cual ha sido demostrado con base en las investigaciones de la doctora Loftus (2000) sobre los falsos recuerdos. También se ha hecho analogía de la memoria individual y colectiva de Halbwachs (2004), para demostrar que la memoria histórica puede ser manipulada.

Se ha demostrado que los orígenes de la historia panameña están nublados por la ficción y el poder elitista, del cual se ha hecho análisis minucioso.

Se pudo también analizar con base en diferentes ramas filosóficas, el concepto del realismo maravilloso al cual hacía alusión Méndez Pereira al abrir nota al lector.

En conclusión, se ha podido mostrar la estrecha línea que existe entre la realidad y la ficción, y cómo la literatura ficticia puede convertirse en un arma de dominación ideológica y social.

REFERENCIAS

ÁVILA FUENMAYOR, Francisco. El concepto de poder en Michel Foucault. **TELOS: Revista de estudios interdisciplinarios en ciencias sociales** Vol. 8, núm. 2, mayo-agosto, 2006, p.215-234. Disponible en: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6436380>>. Acceso el: 10 jul. 2022.

BLOCH, Marc. **Apología para la Historia o el oficio del historiador**. Traducción de JIMENEZ, María; ZASLAVSKY, Danielle; NEIRA B; María Antonia. Fondo de Cultura económica, México, 2001.

CELLA, Thiana Nunes. **Retratos literários do Paraná – do clássico ao contemporâneo: uma trajetória do romance histórico paranaense**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Paraná, 2022.

CESPOLI, Sesieli. El nacimiento del Balboa. **Diário Dia a Dia**. Editora Panamá América S.A. 2013. Disponible en: <<https://www.diaadia.com.pa/etcetera/el-nacimiento-del-balboa-578946>>. Acceso el: 10 jul. 2022.

CHONG MARÍN, Moises. **Historia de Panamá**. Editorial Chong Ramar. Panamá, 1998.

GARCÍA RODRÍGUEZ, Ariadna. Vasco Núñez de Balboa y la geo-psiquis de una nación; **Revista Iberoamericana** Vol. LXVII, núm. 196, julio-septiembre 2001, p. 461-473 2001. Disponible en: <<https://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/viewFile/5870/6014>>. Acceso el: 10 nov. 2021.

DESCARTES, René. **Meditaciones de la primera filosofía. Seguidas de las objeciones y respuestas**. Traducción de DIAZ, Jorge Aurelio. Universidad Nacional de Colombia. Colombia, 2009.

DRAE (Diccionario de la Real Academia Española). **Real Academia de la Lengua Española**. Madrid, 2021. Disponible en: <<https://dle.rae.es>>. Acceso el: 30 agt. 2022.

GASTEAZORO, Carlos Manuel. Presentación historiográfica de Octavio Méndez Pereira. In: MENDEZ PEREIRA, Octavio. **Justo Arosemena**. Editorial Universitaria. Panamá, 1970.

GER (**Gran Enciclopedia Rialp**). Ediciones Rialp S.A. Madrid, 1991. Disponible en: <<https://web.archive.org/web/20111229003848/http://www.canalsocial.net/GER/fichaGER.asp?id=2670&cat=biografiasuelta>>. Acceso el: 30 agt. 2022.

GÓMEZ MARTÍN, María. Memoria y Literatura: la consagración de un pacto. In: NAVAJAS ZUBELDIA, Carlos; BARCO ITURRIAGA, Diego. **Congreso Internacional de Historia de Nuestro Tiempo: Crisis, dictadura, democracia**. Universidad de la Rioja, 2008, p. 135-146. Disponible en: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2676333>>. Acceso el: 15 jun. 2022.

GONZÁLEZ GONZÁLEZ, Enrique. Sobre Francisco López de Gómara, Historia de las Indias (1552). **Estudios de Historia Novohispana** n. 67, 2022 p. 221-226. Disponible

en: <https://novohispana.historicas.unam.mx/index.php/ehn/article/view/77742>. Acceso el: 10 jul. 2022.

GUERRA, Luis O. Presentan la novela histórica de Octavio Méndez Pereira. **UP Informa: diario digital Universidad de Panamá**, 2016. Disponible en: <http://www.upinforma.com/nuevo/info.php?cat=noticias&id=1199>. Acceso el: 12 jun. 2022.

HALBWACHS, Maurice. **La memoria colectiva**. Traducción de Inés Sancho- Arroyo. Prensas Universitarias de Zaragoza. Zaragoza, 2004.

HERRERA GUILLÉN, Nimia María. **Panamá en las crónicas del siglo XVI**: Vasco Núñez de Balboa, Martín Fernández de Enciso, Pedrarias Dávila, Pascual de Andagoya, Gaspar de Espinosa, Pedro Cieza de León. Tesis doctoral. Universidad de Panamá. Panamá, 2017.

HORTA GAVIRIA, Carolina María. Espacio salvaje y colonialismo global en el Darién, Colombia, 1826-1924. **Revista de Direito da Cidade** Vol.10, n. 4, 2018 p. 2617-2645. Disponible en: https://www.researchgate.net/publication/329285419_Espacio_salvaje_y_colonialismo_global_en_el_Darien_Colombia_1826-1924. Acceso el: 05 my. 2022.

IBAÑEZ CASTEJON, Francisco Javier. Héroe o villano: Vasco Núñez de Balboa en El tesoro del Dabaibe de Octavio Méndez Pereira y en la Historia de las Indias de Bartolomé de las Casas. **Cuadernos Nacionales** Vol. 1 No. 24, enero-junio 2019 p. 1-28. Disponible en: https://revistas.up.ac.pa/index.php/cuadernos_nacionales/article/view/357. Acceso el: 05 my. 2022.

_____. Balboa en la óptica de Méndez Pereira. **La Estrella de Panamá**, 2013. disponible en: <https://www.laestrella.com.pa/cafe-estrella/131022/balboa-optica-mendez-pereira>. Acceso el: 05 my. 2022.

JIMENEZ DE CISNEROS, Francisco. Alfaguara publica la novela Núñez de Balboa de Octavio Méndez Pereira. **Todo Literatura**, 2014. Disponible en: <https://www.todoliteratura.es/noticia/2061/novela-historica/alfaguara-publica-la-novela-nunez-de-balboa-de-octavio-mendez-pereira.html>. Acceso el: 10 my. 2022.

LACAN, Jacques: **Lo real, lo imaginario lo simbólico** (versión crítica). Conferencia pronunciada en el anfiteatro del hospital psiquiátrico de Sainte-Anne, París, 1953. Traducción de RODRIGUEZ PONTE, Ricardo E. Escuela Freudiana de Buenos Aires, 2009. Disponible en: <https://www.lacanterafreudiana.com.ar/2.5.1.4%20%20LO%20SIMB,%20LO%20IMAG%20Y%20LO%20REAL,%201953..pdf>. Acceso el: 05 jul. 2022.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de FERREIRA, Irene; LEITAO, Bernardo; BORGES, Suzana Ferreira. Campinas: Ed. da UNICAMP. São Paulo, 1990.

LERNER FEBRE, Salomón. La búsqueda de la memoria histórica en América Latina: Reconciliación y democracia. **Hendu: Revista Latino-americana de direitos humanos**, Agosto 2010, p. 7-19. disponible en: <https://www.researchgate.net/publicatio>

n/305849985 La búsqueda de la memoria histórica en América Latina reconciliación y democracia>. Acceso el: 05 jul. 2022.

LOFTUS, Elizabeth. Recordando peligrosamente. Traducción de CAMIRUAGA, Iñaki. **El escéptico**, 2000, p.31-40. Disponible en: <https://www.academia.edu/2657202/Recordando_peligrosamente>. Acceso el: 05 jul. 2022.

LÓPEZ DE GÓMORA, Francisco. **Historia general de las Indias**. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Alicante, 1999. Disponible en: <<https://www.cervantesvirtual.com/obra/historia-general-de-las-indias--0/>>. Acceso el: 10 jul. 2022.

MALAVAR CRUZ, Nancy. Literatura, historia y memoria. **Hallazgos**, año 10, n. 20, 2013, p. 95-47. Disponible en: <<http://www.scielo.org.co/pdf/hall/v10n20/v10n20a03.pdf>>. Acceso el: 05 nov. 2021.

ALVES, Cintia Marques; LOPES, Ederaldo José. Falsas memorias: questões teórico-metodológicas. **Paidéia**, 2007 p. 45-56. Disponible en: <https://www.researchgate.net/publication/240974154_Falsas_Memorias_questoes_teorico-metodologicas>. Acceso el: 05 jun. 2022.

MENDEZ PEREIRA, Octavio. **Nuñez de Balboa. El tesoro del Dabaibe**. Espasa-Calpe. Buenos Aires, 1940.

MONTYSUMA, Marcos. Memória e esquecimento. In: REIS, Tiago Siqueira.; SOUZA, Carla Monteiro de; OLIVEIRA, Monalisa Pavonne; LYRA, Americo Junior Alves de. **Coleção História do Tempo Presente: Volume I**. Editora da Universidade Federal de Roraima, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre la verdad y la mentira en sentido extramoral**. Traducción de VALDES, Luis ML; Editorial Tecnos. Madrid, 1996.

PALACIOS, Leopoldo Eulogio. Estudio preliminar sobre la gnoseología de Étienne Gilson. In: GILSON, Étienne. **El realismo metódico**. Traducción de GARCIA YEBRA, Valentín. Ediciones Rialp, S.A. Madrid, 1974.

PORRAS, Ana Elena. Narrativas sobre el origen colonial de Panamá (2009). In: GANDASEGUI, Marco A. hijo, CASTILLO FERNANDEZ, Dídimo; CARRERA HERNANDEZ, Azael. **Antología del pensamiento crítico panameño contemporáneo**. CLACSO. Buenos Aires, 2018.

QUINTERO, Cesar. Méndez Pereira: Educador. In: MENDEZ PEREIRA, Octavio. **Justo Arosemena**. Editorial Universitaria. Panamá, 1970.

REAL DE GONZALEZ, Matilde. Octavio Méndez Pereira, una figura de la literatura panameña. **Revista Española de Antropología** Vol. III, 1959, p 3-15. Disponible en: <<https://revistas.ucm.es/index.php/index/search/authors/view?firstName=Matilde&middleName=&lastName=Real%20de%20Gonz%C3%A1lez&affiliation=&country=>>>. Acceso el: 05 jun. 2022.

RUILOBA, Rafael. Las paradojas de la historia en la novela Núñez de Balboa, de Octavio Méndez Pereira. In: MENDEZ PEREIRA, Octavio. **Núñez de Balboa**. Edición conmemorativa de la Academia Panameña de la Lengua. Grupo Santillana. Panamá, 2013.

TORRIJOS HERRERA, Omar. Tienen que llevarse sus toldas colonialistas (1971). In: GANDASEGUI, Marco A. hijo; CASTILLO FERNANDEZ, Dídimo; CARRERA HERNANDEZ, Azael. **Antología del pensamiento crítico panameño contemporáneo**. CLACSO. Buenos Aires, 2018.

TRATADO concerniente a la neutralidad permanente del canal y al funcionamiento del canal de Panamá, 1977. Disponible en: <<https://micanaldepanama.com/wp-content/uploads/2011/12/acp-plan-ref-tratado.pdf>>. Acceso el: 05 my. 2022.

TRATADO Hay-Bunau Varilla (Para la construcción del canal interoceánico), 1903. Disponible en: https://es.wikisource.org/wiki/Tratado_Hay-Bunau_Varilla. Acceso el: 05 my. 2022.

VAIHINGER, Hans. La voluntad de la ilusión en Nietzsche. Traducción de ORDUÑA, Teresa. In: NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre la verdad y la mentira en sentido extramoral**. Traducción de VALDES, Luis ML. Editorial Tecnos. Madrid, 1996.

VILLARREAL V, Felix E. Pasajes sobre la vida y obra del erudito Octavio Méndez Pereira. **UP Informa: diario digital Universidad de Panamá**, 2016. Disponible en: <https://upinforma.com/nuevo/info.php?cat=opinion&id=141>. Acceso el: 10 my. 2022.